

TESE DA ALIANÇA REVOLUCIONÁRIA DOS TRABALHADORES- ART

1 - CONJUNTURA INTERNACIONAL

O capitalismo está levando a humanidade à extinção e o "amor" à burguesia pavimenta esse caminho. É preciso organizar o ódio de classe rumo à Revolução Socialista.

A disputa inter-imperialista entre os blocos encabeçados por EUA e China se intensifica. Sua base material principal é a disputa pelas matérias-primas e pela tecnologia da indústria 4.0, mas também segue tendo grande peso a disputa pelo controle do mercado de petróleo e gás natural. Essa disputa leva a seguidas “guerras por procuração” como no Congo (onde ocorrem sucessivos e pouco noticiados crimes contra a humanidade e que tem gerado uma leva sem fim de refugiados) e na Ucrânia (onde o conflito só tem escalado, sem nenhuma perspectiva de solução para a classe trabalhadora). Na América do Sul, a disputa por petróleo e minérios ameaça uma guerra em plena Amazônia, com a ameaça de invasão da Guiana pela Venezuela. Mais uma vez, o que está em jogo é quem explorará essas jazidas. As empresas dos EUA, aliadas do governo da Guiana, ou as chinesas, aliadas de Maduro. Essa disputa também se manifesta na luta interna da Venezuela, onde a ditadura chavista de Maduro segue no poder devido ao apoio de China e Rússia que se tornaram proprietárias do arco mineiro do Orinoco, apesar da miséria da população que produz levadas impressionantes de refugiados, muitos deles vindo para o Brasil. Só esse ano, 11 mil fugiram por Roraima. Contra Maduro, na falta de uma direção revolucionária, quem acaba se projetando com a aparência alternativa é a ultradireita pró-estadunidense, que só tem a oferecer a troca da metrópole para a qual a colônia vai enviar suas riquezas. O caso do genocídio palestino, que está sendo levado a cabo pelo enclave nazi-sionista de Israel e está perto de completar um ano, tem também entre suas motivações as enormes reservas de gás natural descobertas no litoral de Gaza. Aliás, se o Oriente Médio não fosse uma região riquíssima em gás natural e petróleo, dificilmente os EUA dariam toda essa sustentação ao enclave invasor.

Enfim: a cada dia os conflitos e massacres se multiplicam e se intensificam, e a população desses locais sofre horrores invisíveis. Na base da ultra-tecnológica indústria 4.0, que produz os mais modernos celulares, carros e equipamentos, se utilizam os mais bárbaros métodos de exploração, com massacres produzidos por grupos mercenários levando a gigantescas diásporas, trabalho escravo e uma gigantesca destruição ambiental, apesar de toda a farsa das “novas tecnologias sustentáveis”. O imperialismo segue atuando assim, de forma desigual e combinada, no seu processo de acumulação de Capital. Aliás, apesar do crescimento da indústria de carros elétricos e da onipresença dos celulares, ambos demandando quantidades cada vez mais volumosas de matéria-prima para baterias (lítio, cobalto) e chips, a exploração de combustíveis fósseis segue crescendo, apesar da já instalada catástrofe climática, e todas

as falsas promessas das burguesias com suas “COPs” caem por terra, uma após a outra.

Recentemente, muito tem-se falado de Elon Musk. O "homem mais rico do mundo" realmente sintetiza bem toda a desgraça que o capitalismo significa para a humanidade. Sob o disfarce de "visionário da tecnologia sustentável", esse parasita primeiro destruiu as observações astronômicas feitas a partir da Terra, com os satélites brilhantes da Starlink em órbitas de baixa altitude. Depois defendeu abertamente golpes na Bolívia e em todo o mundo para conseguir o Lítio que precisa como matéria-prima para suas baterias. Aliás, como é regra, o "grande empreendedor" só sobrevive nos negócios por bilionárias injeções de dinheiro público dos EUA e do apoio do governo desse país em sua disputa de mercado com a China. Musk é diretamente ligado à mineração ilegal na Amazônia, que utiliza de seus satélites para se comunicar. Numa perda total de soberania nacional, as informações de prefeituras e dos governos estadual e federal (inclusive do Exército) na região da Amazônia estão nas mãos de Musk.

Encerramos essa parte de nossa tese enfatizando algo essencial: a catástrofe ambiental não está colocada para um futuro mais ou menos distante. Já a estamos vivendo e o que virá é sua intensificação. Dezenas de cidades em São Paulo foram atingidas por incêndios florestais, causados pelo agronegócio. Há poucos dias, novamente, a população de Manaus teve suas casas e pulmões invadidos pela fumaça das queimadas na Amazônia. Fumaça essa, aliás, que se espalhou pelo ar, chegando até mesmo ao Espírito Santo. Os rios do Norte estão com alta contaminação de mercúrio, devido à mineração. O cerrado, que alguns consideram que já está irreversivelmente condenado, segue a caminho de se extinguir. O Pantanal também agoniza em estado terminal: em 2020, os incêndios devastaram mais de 4 milhões e 500 mil hectares, cerca de um terço da superfície pantaneira. Já 2022, mais de 123.000 hectares foram consumidos por incêndios, 26% a mais do que no mesmo período de 2021. A Amazônia, que era considerada um grande absorvedor de CO₂, tornou-se emissora. Maceió afundou em um buraco sem fim devido à exploração de sal gema no subsolo da cidade, que serve bem como metáfora da situação a que o capitalismo está levando à humanidade. No primeiro semestre desse ano no RS, como todos lembram, as chuvas atingiram 478 município, obrigando 442 mil moradores a deixarem suas casas, na que foi considerada a maior catástrofe ambiental da história do estado.

Todas as previsões apontam para uma escassez de água e alimentos em escala global em curto prazo, mas a insanidade capitalista só acelera mais e mais a marcha rumo à extinção da humanidade. Seja por uma 3ª Guerra Mundial, caso a nova guerra fria escale nesse sentido, seja pela devastação ambiental. Não se trata mais do mundo ter dois caminhos, socialismo ou barbárie. A barbárie já está aí. A única possibilidade de reverter isso é com uma revolução socialista mundial. Não há meio-termo: se a classe trabalhadora não conseguir se organizar contra suas direções capituladoras, tomar o poder em suas mãos, expropriando a burguesia em escala mundial e reorganizando, com a força de sua revolução, toda a economia planetária de forma a reverter a destruição ambiental brutal que já vivenciamos, o que está colocado é a destruição da humanidade. Não existe futuro sem revolução.

2 – CONJUNTURA NACIONAL

O governo burguês típico de Lula-Alckmin segue atacando a natureza e a classe trabalhadora sem nenhuma oposição de esquerda. A caricata (e forte) oposição de ultra-direita cria novos "líderes", como o picaretíssimo Pablo Marçal, e segue se colocando como a única alternativa ao lulismo e, no caso de uma não inesperada crise econômica explodir (dado o cenário mundial e o papel periférico do Brasil) ela será a única força que poderá encampar a decepção da população. Apesar disso, a dita “esquerda” segue completamente submissa ao governo, e incapaz de qualquer tipo de mobilização real por um programa da nossa classe. As lutas que surgem são isoladas e desviadas pelas direções, mesmo que sejam lutas contra governos de ultra-direita, como o de Tarcísio em São Paulo.

A estratégia do governo tem se mostrado até agora bastante eficiente: no que é prioritário para a fração burguesa que o apoia, todas as verbas e toda a pressão no Congresso é usada. Foi assim com a nova Lei do Teto, com a Reforma Tributária e com a indicação de Flávio Dino ao STF. Já com relação a questões absolutamente vitais para a classe trabalhadora como a revogação do NEM e o Marco Temporal, o governo deixa correr solto no Congresso, libera sua base e, em caso de derrota, a culpa é da população que "votou mal" e não há o que se fazer.

Além desse aspecto mais gritante, literalmente nos subterrâneos tem muita coisa avançando. A mineração em terras indígenas segue, com todo apoio do governo federal. A Frente pela Mineração na Amazônia é dirigida pelo PT. O processo de cooptação de lideranças indígenas, as levando a trair seus povos tem se intensificado. O PT, que construiu Belo Monte está agora construindo uma nova transamazônica que, se concretizada, será uma via direta para a exploração do subsolo e o desmatamento da Amazônia. O marco temporal, que foi aprovado no Congresso, está barganhado no Plenário do STF. O latifundiário Gilmar Mendes está a frente desse processo e a coisa é tão absurda de que as organizações indígenas se retiraram da falsa negociação. Falta agora um chamado à luta unificada contra as três faces da mesma moeda: o governo Lula-Alckmin, o Congresso e o STF.

Enquanto isso, no movimento sindical, as maiores organizações da classe trabalhadora seguem fazendo “sindicalismo de colaboração de classes”, ou seja: desorganizando a luta das trabalhadoras e trabalhadores. No bom e velho português, pelegando.

Semeiam ilusões como a de “governo em disputa”, comemoram a instalação de “mesas de enrolação” como se fossem por si só uma vitória. Insistem em ações inócuas de “pressão parlamentar” e fazem atos puramente formais, “pra cumprir tabela”.

A justificativa é sempre a mesma: sem Lula, a ultra-direita volta. Mas a verdade é que a ultra-direita nunca se foi, embora tenha sido apeada do governo. Só o que pode derrotar de vez a ultra-direita e a burguesia como um todo é a organização e a ação da classe trabalhadora, em torno de seu programa e com seus métodos. Essa é a única coisa que pode

impedir a completa destruição da humanidade pelo capitalismo.

Enquanto o mundo sangra através de veias abertas em todos os continentes, a “esquerda oficial” faz campanha eleitoral! E não uma campanha a serviço de organizar as lutas, de destruir o capitalismo, de organizar a revolução. Uma campanha onde organizações que tem base na classe trabalhadora mas representam os interesses de frações da burguesia vendem ilusões de "boa gestão", "inclusão" e, nos casos mais ridículos, de "amor". Todas essas campanhas são um enorme desserviço à nossa classe e só ajudam a que setores de ultradireita consigam se vender como "anti-sistema" aos olhos das massas. Por isso, o papel dos revolucionários é, como nos ensina o grande Léon Trotsky: *"olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade às massas, por mais amarga que seja; não temer obstáculos; ser rigoroso nas pequenas como nas grandes coisas; ousar quando chegar a hora da ação."* É em torno dessa perspectiva que esse Congresso deve discutir os próximos passos de nossa luta: como mobilizar nossas bases, como transformar a indignação em ação, como derrotar os vendedores de ilusões, como sair da lógica falsa do "mal menor".

É imprescindível a construção de uma oposição revolucionária a toda a burguesia e todos os seus governos. Só se não capitularmos e atuarmos com os métodos de luta construídos historicamente por nossa classe, como greves, ocupações, fechamento de ruas e estradas, piquetes, é que poderemos vencer. Só a organização classista, revolucionária e socialista dos trabalhadores pode apresentar alternativas para a classe trabalhadora, para além da falsa polarização entre lulalckmismo e bolsonarismo, entre o imperialismo Estadunidense e o imperialismo chinês. Entre "neoliberais" e "desenvolvimentistas". O tempo da humanidade está acabando. A única polarização real é entre revolução socialista e extinção da humanidade. Quem não está pela Revolução, por mais boas intenções que tenha, está do lado do capitalismo e, conseqüentemente, da aniquilação da espécie humana em não longo prazo.

CRÔNICA DE UMA DERROTA ANUNCIADA: Sobre lutas e traições

Com o congelamento dos salários, o NEM, o negacionismo responsável por centenas de milhares de mortes, a tentativa de golpe de Estado em 7 de setembro de 2021 e os incontáveis ataques por parte do inominável governo de ultradireita de Bolsonaro, 2022 era a hora de toda a nossa revolta explodir em uma grande greve de nossa categoria, unificada com o conjunto da educação federal, rumo a uma grande greve geral para por Bolsonaro pra fora do governo e pra dentro da cadeia. As assembleias expressavam um desejo de greve, mas ela nunca foi construída de fato pelas direções que, seguindo as ordens de Lula (“não é porque não gostamos de Bolsonaro que temos que tirar ele do governo”), esvaziaram qualquer possibilidade de luta e conduziram a legítima revolta da categoria para as eleições e o apoio a Lula-Alckmin.

Ou seja: inviabilizaram a única via capaz de derrotar de fato a ultradireita (a luta da nossa classe, com nossos métodos históricos) e apoiaram a reedição piorada de um governo que no passado já havia desfechado inúmeros ataques contra os trabalhadores em geral e contra nossa categoria em particular. Para fazer isso, apelaram por meio de ilusões absurdas, como a de que Lula iria revogar as contrarreformas (previdenciária, trabalhista, da terceirização, lei do teto dos gastos e NEM), repor as perdas salariais e mais um monte de promessas falsas que nem mesmo Lula-Alckmin disseram que fariam. O fato é que todas as direções do movimento sindical dos SPFs e todas as centrais sindicais, com maior ou menor entusiasmo, romperam a fronteira de classe e fizeram campanha para Lula-Alckmin nas eleições de 2022.

Em 2023, as plenárias e Congressos das categorias dos SPFs apontavam a luta por uma reposição emergencial de 34%. No entanto, o governo Lula-Alckmin apresentou apenas os 9% que já tinham sido deixados por Bolsonaro. Nesse momento, parte das direções venderam uma nova ilusão à categoria: "esse orçamento é do governo anterior, vamos começar a campanha de 2024, porque aí quem vai fazer o orçamento é o Lula e vai ser muito diferente". E além disso, "agora temos mesas de negociações", diziam nossos dirigentes sindicais. Numa coisa estavam certos: foi muito diferente mesmo. Lula-Alckmin propuseram um redondo 0 (zero) para 2024 e as mesas de negociação, para surpresa de ninguém com pelo menos dois neurônios, se mostraram meras mesas de enrolação. Ainda em 2023, Lula-Alckmin-Lira-Pacheco aprovaram a nova lei do Teto, rebatizada de novo arcabouço fiscal, sem nenhum enfrentamento por parte do movimento sindical e popular. Ali foi selada a continuidade da política econômica neoliberal de Paulo Guedes, sob um silêncio ensurdecedor do movimento sindical.

Eis que, para tristeza de nossas direções governistas, a base arrancou uma forte greve que, unificada com o ANDES e SINASEFE, constituiu-se na maior greve da história da educação federal, com 66 universidades paralisadas. Uma greve que claramente pressionou e constrangeu o governo. A primeira ação do governo, foi separar a negociação das categorias em mesas específicas, dividindo a luta e enfraquecendo a resistência.

Mesmo frente a uma greve tão forte, entre romper com uma base que historicamente sempre o apoiou ou romper com os compromissos com o capital financeiro, Lula nem hesitou. Concedeu minúsculos adicionais à proposta inicial que foram totalmente rejeitados pelas assembleias de base das categorias. Frente a isso, o governo, mostrando seu completo desrespeito com o movimento sindical e a educação federal, assinou um acordo absurdo com seu sindicato fantoche, o Proifes-CUT. A coisa foi feita com tanta desfaçatez, que deixaram os comandos de greve da FASUBRA, ANDES e SINASEFE esperando onde a reunião estava marcada, enquanto o governo fazia uma reunião secreta com o seu preposto. Frente a isso, ao invés de radicalizar, o que vimos foram reações completamente patéticas.

A partir daí começou uma nova pantomima: exigir que Lula assumisse a negociação porque a culpa era dos negociadores. Era a forma das direções governistas seguirem enganando as bases e livrando a cara do governo. Isso depois de terem dito que Lula "queria a greve", por isso ajudaria a conceder os reajustes pedidos. O nível de negacionismo político

das direções chegou ao nível da cloroquina e/ou ivermectina dos bolsomínions.

Por fim, para desengano completo dos iludidos, Lula, que nunca aceitou os pedidos para se reunir com os comandos de greve da FASUBRA, ANDES e SINASEFE, convocou uma reunião com os reitores, contou um monte de mentiras, fez provocações baratas ao movimento sindical e impôs que a greve tinha que acabar. Ato contínuo, as direções governistas começaram a obedecer a ordem de seu patrão e iniciou-se o processo de desmonte da greve por parte das direções, aprovando-se o mesmo acordo que fora rejeitado pelas assembleias das categorias em greve.

Assim, a maior greve da história da educação federal foi derrotada. Como se não bastasse, mesmo os parcos avanços do acordo não estão sendo garantidos, e vários pontos ainda não foram cumpridos. Frente a essa vitória do governo contra nossa categoria, Lula- Alckmin se fortaleceram para criminalizar as greves do Ibama/ICMBio e do INSS. O NEM também foi aprovado, com o apoio do governo. A nossa derrota não foi só nossa, e se espalha como uma fila de dominós em queda.

Agora, a mentira da recomposição do orçamento também caiu por terra: com os cortes no orçamento da educação, não se sabe nem mesmo como as universidades irão concluir o ano. Essa derrota anunciada, após uma greve que mostrou a força da nossa categoria, mostra total necessidade de construir uma direção classista para derrotar o governismo e organizar de verdade nossa luta.

3 - CONJUNTURA ESTADUAL DO RN

Em seu segundo mandato consecutivo o governo Fátima Bezerra do PT/MDB no Rio grande do Norte, segue alinhado com a política da frente ampla nacional se consolidando como um governo burguês em nosso estado que governa prioritariamente para os ricos. Nas áreas mais importantes como a segurança pública não consegue enfrentar os ataques das frações criminosas que têm colocado o seu governo em crises com permanente desgaste desde o ano passado, com altos índices de criminalidade registrados. Na área da infraestrutura, segue sem solução a recuperação das estradas do RN, que se encontram com enormes buracos e sem sinalização, vulneráveis aos acidentes com vítimas fatais.

Na saúde, destaca-se a insatisfação dos servidores públicos com o arrocho salarial e as péssimas condições de trabalho nas unidades de saúde, com um chamado para a crise permanente por que passa o maior hospital de urgência e emergência – HMWG (Hospital Mon Senhor Walfredo Gurgel). Na educação, onde a governadora Fátima Bezerra atuou como profissional e dirigente sindical, tem recebido desaprovação dos seus ex-colegas pelo destrato e abandono das escolas e dos profissionais em educação.

Nas demais áreas do governo a “cantilena” é a mesma. Com uma taxa elevada do desemprego no RN de 8,3 % alguns trabalhadores vivem sobrevivendo de pequenos “bicos” para levar alimentos para suas casas e sem perspectiva de melhores dias, tendo em vista a inexistência de uma política pública governamental de capacitação de mão de obra para

geração de emprego e renda. Em função do desemprego em nosso estado, o IBGE aponta que atualmente o RN possui 167 mil pessoas em situação de insegurança alimentar grave e outras 261 mil pessoas em insegurança alimentar moderada. Num estado governado por um governo que se dizia falsamente “popular”, como é o do RN, o que a classe trabalhadora tem é um governo que atende aos interesses dos empresários, latifundiários e novos ricos.

Estudos têm mostrado que em nosso estado as classes sociais mais pobres não têm aumentado sua renda e, em contrapartida, a classe mais abastada é que tem ficado cada vez mais rica num flagrante dos resultados da política econômica do governo do PT/MDB e aliados, porque essa classe tem sido privilegiada com um crescimento de até 3,9 % neste ano de 2024. O discurso do governo do nosso estado em favor dos pobres não passa de uma falácia, a medida que diz que há uma ascensão social, onde assistimos apenas as políticas compensatórias como as bolsas “x”, “y” e “z” que distribuem migalhas com os mais carentes como moeda de voto. Enquanto isso, o número de novos ricos aumenta no RN. Somente com a mudança da política econômica para geração de empregos, taxaçaõ das grandes fortunas, reforma agrária sob o controle dos trabalhadores, não pagamento da dívida interna e reposição todas perdas salariais dos trabalhadores, é que em nosso estado poderemos enxergar um novo horizonte. Para isso, precisamos criar as condições objetivas e subjetivas para mudança do modo de produção capitalista através de uma revolução socialista.

Natal, 10 de Setembro de 2024

Assinam essa tese:

José Rebouças, José Talvanes e José Fernandes.